

ANTÓNIO MELO

DEUS MISERICORS
NA TRAGICOMÉDIA IOSEPHUS DO P. LUÍS DA CRUZ, S.J.



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

Palma de Cima — 1649-023 Lisboa — Portugal

Deus misericors
na tragicomédia *Iosephus*
do P. Luís da Cruz, S.J.

Para tema da sua última conferência, proferida em tempo de Quaresma, o saudoso reitor da Universidade Católica Portuguesa, Prof. Doutor Manuel Isidro Alves, havia de escolher o tema da misericórdia. E um dos seus últimos actos eclesiásticos foi administrar o sacramento da penitência. Coincidência ou não, a viagem do Sumo Pontífice, o Papa João Paulo II, à Polónia ¹, também decorreu sob o lema de «Deus rico em Misericórdia». A única esperança para o homem contemporâneo, desorientado face à experiência de várias formas do mal, como proclamou o Sumo Pontífice, reside na misericórdia divina, na confiança absoluta em Deus. É este o caminho para a paz.

A semelhante apelo foi chamada a Companhia de Jesus, no séc. XVI. Na contemplação da Encarnação, no primeiro dia da segunda semana dos *Exercícios Espirituais*, podemos sentir esta mesma visão universalista: o Pai, o Filho e o Divino Espírito Santo contemplam a face da terra, cheia de homens, que se precipitam nas chamas infernais. Misericordioso, Deus vai redimir o género humano, enviando-lhe o seu filho, que vai incarnar no seio da Santíssima Virgem.

Está presente a exigência da propagação da fé, o ardor da missão. Na meditação das duas bandeiras, que corresponde ao

¹ Esta visita decorreu de 16 a 19 de Agosto de 2002.

quarto dia da segunda semana, há um apelo muito forte para esta urgência: «considerar como o Senhor de todo o mundo escolhe tantas pessoas: apóstolos, discípulos, etc., e os envia por todo o mundo a espalhar a sua sagrada doutrina por todos os estados e condições de pessoas»².

Para Inácio de Loiola, «o fim da Companhia e dos estudos é ajudar o próximo a conhecer e amar a Deus, e a salvar a sua alma»³. A meta suprema é conseguir a Bem-aventurança, a salvação eterna⁴. Para Ele convergem todos os saberes; d' Ele dimana toda a acção⁵. À luz deste princípio fundacional, consagrado nas Constituições da Companhia de Jesus, havemos de discernir outra faceta não menos importante: a atitude interventora⁶ da Companhia de Jesus privilegiou as representações teatrais. Com efeito, por esta ocasião, reunia-se, nos Colégios, uma vasta plateia, oriunda de diferentes estratos sociais. Entre o vasto repertório jesuítico, elegemos a tragicomédia *Iosephus*, do P. Luís da Cruz, S. J., que veio a lume em 1605, numa edição feita na cidade francesa de Lião. Foi representada no Real Colégio das Artes, em Coimbra, muito provavelmente em 1574.

O castigo do orgulho, da *hybris* por parte dos deuses, que se torna desde os Poemas homéricos e designadamente na tragédia ática do séc. V.^a C.⁷, num verdadeiro *topos*, encontra representação no *Iosephus*. Este motivo trágico, que se espraia numa *amplificatio* intencional, própria para despertar o *páthos*, – para o qual

² INÁCIO DE LOIOLA, *Exercícios Espirituais*. Trad. do autógrafo espanhol pelo P. Vital Dias Pereira. Porto, 1983, n.º 145, 2.º Ponto, p. 43.

³ *Constituições da Companhia de Jesus, anotadas pela Congregação Geral 34 e Normas Complementares aprovadas pela mesma Congregação*. Lisboa – Braga, 1997, p. 120, n.º 446.

⁴ *Constituições da Companhia de Jesus...* cit., pp. 60 e 61, n.ºs 156 e 163.

⁵ *Constituições da Companhia de Jesus...* cit., pp. 93, 103 e 115, n.ºs 307, 351 e 418.

⁶ «Apesar de não ser a expressão amorosa a intenção primeira destas tragédias – que quase podiam chamar-se de intervenção –, a cada passo a intuição natural da psicologia humana se revela e dá lugar à luta de afectos entre as diversas personagens» (NAIR DE NAZARÉ CASTRO SOARES, *Teatro clássico no séc. XVI. A Castro de António Ferreira*. Fontes – Originalidade. Coimbra, 1996, p. 220).

⁷ É o receio humano de atrair a cólera dos deuses: o homem era castigado por causa da *hybris*, do seu orgulho (Cf. ANTÓNIO FREIRE, *Conceito de Moira na tragédia grega*. Braga, 1969, p.97).

concorrem não só os *êthê*, os caracteres das personagens, mas a própria *elocutio* – está ao serviço da *utilitas causae*, da mensagem essencial do texto dramático (no prólogo e nos Actos I e II). É urgente afastar o Homem do seu egoísmo e arrogância e sensibilizá-lo para uma mudança de vida: a humildade e o perdão. Esta atitude, capaz de estimular a catarse, será favorecida pelo empenho e bafejo dos Anjos: de coração apertado, preocupa-os a hora de libertação dos seus povos, e S. Miguel anuncia-lhes a vinda próxima do Salvador⁸.

A *tragicocomoedia Iosephus* principia com um prólogo⁹, de tradição clássica, que apresenta o drama de José do Egipto no contexto da história da salvação. O mundo afastou-se de Deus que, na sua misericórdia, se apresta para lhe enviar seu Filho Jesus Cristo. O percurso terreno havia de afigurar-se semelhante ao do patriarca José, filho de Jacob.

Num tom majestoso, claramente apelativo, que apóstrofes

CVSTOS AFRICÆ

«.....O nostri chori
Laus prima, certis cuius auspicii genus
Pium, Tonantem debito cultu colit.»

ANJO DA GUARDA DA EUROPA

‘Ó primeiro louvor do nosso coro, sob tua verdadeira autoridade, a piedosa raça adora, com merecido culto, o Deus do Universo!’¹⁰

⁸ Cf. maxime a fala do Anjo da Guarda da Europa, que introduz o prólogo e apresenta os companheiros da Ásia e da África (Pr.I.15, 39, 109-110) e a do Anjo da Guarda da África (Pr.II.81.82).

⁹ Se bem que, excepção feita à écloga *Polycronius*, as obras dramáticas de Luís da Cruz apresentem prólogo, uma reminiscência do teatro greco-latino, v. g., Eurípides, Plauto e Terêncio, eram raras as representações jesuíticas que o apresentavam (Cf. FRANÇOIS BERTIEAUX, *Le théâtre didactique des Jésuites. Objectifs Pédagogiques et réalisations. Conformité et contradiction avec les préceptes de base*. Louvain, 1982, pp. 56-57). Porém, Miguel Venegas também faz preceder as produções teatrais de um prólogo, se bem que haja uma pequena diferença: enquanto a *Achabus* e a *Absalon* o têm incluso no início do Acto I, em *Saul Gelboeus* ele apresenta-se distinto, antes do Acto I, à maneira de Luís da Cruz.

¹⁰ Cf. Pr.II.78-80. Todas as citações da tragicomédia *Iosephus* são feitas a partir da nossa edição crítica, policopiada: ANTÓNIO MARIA MARTINS MELO, *O P. Luís da Cruz, S. J., e a tragicomédia Iosephus*. II. Vol.: *Edição crítica*. Braga, Faculdade de Filosofia, 2001.

CVSTOS EUROPÆ

«O sacra mundo nascere cadenti hostia.

.....
O sidus affer aureum terris diem»

ANJO DA GUARDA DA EUROPA

'Ó vítima sagrada, nasce para este mundo em decadência!' ¹¹

.....
'Ó sol, traz esse belo dia às nações!' ¹²

e interrogações retóricas intensificam,

MICHAEL

«... .. Cernis illa horrentia
Dumeta siluis? Inter umbrosum nemus
Fluuium sonantem qua mare urget in ferum
Obiecta sacra litori?»

MIGUEL

'Vês aqueles horrendos matagais? O ressoar do rio, entre o umbroso bosque, por onde arremessa para o mar feroz os objectos sagrados lançados à sua margem?' ¹³

os Anjos da Guarda da Europa, da África e da Ásia narram ao Arcanjo S. Miguel os crimes que assolam toda a terra, a idolatria ¹⁴ e a superstição ¹⁵. Num crescendo de intensidade discursiva, o Homem surge esmagado por crimes cometidos contra a sociedade (*scelus*) ¹⁶, contra si próprio (*flagitia*) ¹⁷ e contra Deus (*nefas*) ¹⁸; imperam os fantasmas (*spectra*) ¹⁹ e a vaidade (*uanitas*) ²⁰, o mundo está decadente (*cadenti*) ²¹.

¹¹ Cf. Pr.II.132.

¹² Cf. Pr.II.135.

¹³ Cf. Pr.I.32-34.

¹⁴ Cf. Pr. I.10-11. Este *topos* bíblico, recorrente no *Génesis*, também aparece na tragédia *Sedecias*, e. g., vv. 36-38; 599-600; 717-718.

¹⁵ Cf. Pr.II.74.

¹⁶ Cf. Pr.I.7.

¹⁷ Cf. Pr.I.9.

¹⁸ Cf. Pr.I.22.

¹⁹ Cf. Pr.II.74.

²⁰ Cf. Pr.I.37.

²¹ Cf. Pr.II.132.

A misericórdia de Deus, reiterada pelo Anjo da Guarda da Europa, enviará o seu Filho, cuja nobre geração ascende à casa de Abraão:

«Deus est misericors, ipse flectetur malis,
Humana quae gens patitur.»

'Deus é misericordioso, ele próprio se comoverá com os males de que a raça humana padece.' ²²

Deus, por Sua libérrima vontade, vai enviar o seu Filho, Jesus Cristo que, por Amor, há-de redimir os Homens com a morte na cruz – a *stultitia* erasmiana ²³, evocativa da mensagem de S. Paulo: «Porque Cristo não me enviou a baptizar, mas a pregar o Evangelho, não, porém, com sabedoria de palavras, a fim de se não desvirtuar a Cruz de Cristo. Porque a linguagem da Cruz é loucura para os que se perdem, e poder de Deus para os que se salvam, isto é, para nós, pois está escrito: “Destruirei a sabedoria dos sábios e reprovarei a prudência dos prudentes”» ²⁴.

Com efeito, a par da fidelidade, a ideia de um Deus misericordioso é uma constante nos livros sagrados do Antigo Testamento.

Um texto do *Êxodo* (34.6-7) é apontado como fundamental: «O Senhor passou em frente dele, e exclamou: Javé! Javé! Deus misericordioso e clemente, vagaroso em encolerizar-Se, cheio de bondade e fidelidade, que mantém a Sua graça até à milésima geração...» Nestes termos se dirigiu Deus a Moisés, no alto do Monte Sinai.

Esta imagem está desde logo presente no Prólogo desta tragicomédia, como já vimos acima:

«Ita misereri, et ferre praesidium, Dei est.»

²² Cf. Pr. I.53. O mesmo sentimento é repetido mais adiante (Cf. Pr.I.97).

²³ Uma evocação da figura simbólica do *stultus* do *Elogio da Loucura* de Erasmo (Cf. NAIR DE NAZARÉ CASTRO SOARES, *O Príncipe Ideal no séc. XVI e a obra de D. Jerónimo Osório*, Coimbra, 1994, p. 432).

²⁴ *1Cor.* 1.17-19. Este apelo a uma sabedoria de ordem superior, à sabedoria cristã, que não podia ser confundida com a sabedoria pagã das escolas filosófico-religiosas da época, vai retomá-lo na capítulo segundo desta carta aos habitantes da cidade de Corinto. É uma sabedoria que se identifica com Jesus Cristo crucificado: «Julguei não dever saber coisa alguma entre vós a não ser Jesus Cristo, e Este crucificado» (*1Cor.* 2.2).

'Assim ser misericordioso e prestar auxílio é tarefa de Deus.'²⁵

No Seu infinito Amor, Ele há-de socorrer o mundo,

«..... qui gubernat humanum genus,
Praesente qui tunc numine occurret malis
Cum nulla fractis rebus apparet salus.
Quondam sonoris imbribus terram obruit,
Libidinis ut incendium restingueret.
Iterum fauilla tartaro erumpens uocat
Flammas priores»

'É Ele que governa a raça humana e com o seu poder e providência há-de acorrer então aos males, quando em situações desesperadas se não oferecer salvação alguma. Outrora aniquilou a terra com chuvas torrenciais para extinguir o fogo das paixões. E as centelhas que irrompem do Tártaro de novo reacendem as antigas chamas.'²⁶

e providenciar auxílio ao justo. Após o sonho em Betel, durante o descanso da jornada que o havia de levar a casa do seu tio Labão, Jacob prometeu adoração ao Deus de Abraão se Ele o protegesse e lhe viesse a permitir o regresso em paz ao lar paterno, o que felizmente veio a acontecer:

«Tunc obligavi me quibus uotis Deo?
Dixi colendum Numen aeternum mihi.
Rem prouideret ipse uestiariam,
Alimenta modico poneret uitae in penu:
Reduceretque sospitem in patrium larem.
Dedi haec abunde. Viuo turba liberum
Ex inope diues exule effectus pater.»

'Então eu liguei-me a Deus com que votos? Eu disse que esta divindade eterna devia ser adorada por mim. Ele mesmo providenciaria o vestuário, colocaria numa modesta despensa os alimentos para a vida e reconduzir-me-ia são e salvo ao meu lar paterno. Deus deu estas coisas com abundância. Vivo rodeado dos meus numerosos filhos, de pobre exilado transformado em pai rico.'²⁷

²⁵ Cf. Pr.02.97.

²⁶ Cf. Pr.01.41-47.

²⁷ Cf. I.01.184-190.

Ao testemunho de Jacob, podemos juntar o de José, sinal duma confiança inabalável em Deus. Em sonhos se revela a Providência:

Tam multa dormienti se mihi offerunt,
Ita copulata nempe, dubitandi ut locum
Nullum relinquunt, quin putem miracula
In me futura magna Prouidentiae,
Nunquam bonos fallentis o genitor tuae
Rogo te mearum firma spes rerum Deus,
Nil sit parenti triste, qui tam patria
Me caritate diligit propensior,
Videatur ut se adspectu solari meo.»

Quantas coisas se me oferecem enquanto durmo! E de tal maneira se conjugam que não me deixam qualquer lugar a dúvida sobre as grandes maravilhas da tua Providência, que nunca engana os bons e no futuro se vão operar em mim, ó Criador! Rogo-te, ó Deus, esperança firme da minha vida, que nada seja triste para o meu pai que me ama com mais predilecção, para que ele se veja consolado com a minha presença.'²⁸

Os irmãos começam a olhá-lo de soslaio. Contudo, não se intimida e, por vontade do pai, vai em demanda de notícias suas. Há já algum tempo que se entregam ao pastoreio, perto de Siquém. No caminho, José perde-se nas sendas tortuosas da floresta e um transeunte presta-lhe auxílio:

IOSEPHVS

«Non sine beneuoli commodum nutu Dei,
Tu te obtulisti quisquis es, hominem mihi.
Aspreta iussu patris haec lustrum mei.

VIATOR

Inuisus illi es? IOS. Imo sum clarissimus.

VIATOR

Cur ego solum? IOS. Solus haud est optimi
Quem numen ambit, et fauor leuat Dei.»

²⁸ Cf. I.02.230-238.

JOSÉ

'Não foi sem a vontade de Deus benevolente que tu, homem, quem quer que sejas, te apresentaste a mim. Eu percorro estes lugares pedregosos por ordem de meu pai.

VIANDANTE

És indesejado por ele?

JOSÉ

Pelo contrário, sou até muito considerado.

VIANDANTE

Por que razão somente eu o sou?

JOSÉ

Muito bem! Não está sozinho aquele a quem o poder de Deus acompanha e o seu auxílio consola.²⁹

Mais tarde, nem mesmo o suplício da cisterna faz vacilar José na confiança que deposita no seu Deus:

«Est magna Simeon, neminem feret sui
Memorem perire, nemini roganti opem,
Facilem negabit tendere e caelo manum.»

'Preocupa-se muito, Simeão. Ele não permitirá que pereça quem se lembra d'Ele, a ninguém negará auxílio e nem deixará de estender lá do céu a sua mão favorável.'³⁰

A par da imagem de um Deus compadecido com os males humanos, misericordioso, que «se apegou com amor» ao seu Povo (*Deut.* 10.15), surge a visão agostiniana de Deus que envia o flagelo da fome – em suma, o castigo – por causa da ingratidão:

JACOB

«Iuste laborat orbis, et tanto malo
Aegrescit aeque. Quando fundentem Deum
Omnia, recusat noscere, negantem omnia
Fortasse noscet. Quippe meliores sumus,
Cum durioris arma sentimus Dei.
Ingrata gens mortalium tanquam sues

²⁹ Cf. I.05.395-400.

³⁰ Cf. I.05.1218-1220.

Querceta pascit, et oculos nunquam leuat,
Vt cernat illum, qui manu glandes solo
Spargit, datosque largus impertit cibos.
Cum laetus annus parturit fruges, putant
Temere uenire, nec Deo grates agunt.
Tellus fatiscat arida, et fruges, neget,
Credant ut esse numen aeternum, fame
Quod punit ob agri copiam, oblitos sui.
Te magne domitor orbis at supplex rogo,
Mihi meisque consulas, et quam puer,
Quam uir salutem semper inueni, senex
Tanto in labore rebus inueniam meis.»

JACOB

'O mundo sofre justamente e, com tamanha desgraça, vai igualmente adoecendo. Já que recusa conhecer Deus que tudo lhe dá, talvez o reconheça se Ele lho negar. É que somos melhores, quando sentimos as armas dum Deus mais severo. A raça ingrata dos mortais assemelha-se a uma vara de porcos que come bolotas e nunca levanta os olhos para ver aquele que com a mão as espalha pelo chão e lhes dá com largueza o alimento. Quando um ano fértil produz boas colheitas, julgam que vêm por acaso e não agradecem a Deus. Se a terra árida se cansar e negar colheitas, hão-de julgar que é Deus eterno que os pune com a fome por causa da abundância do campo, a eles que se esqueceram d'Ele.

Porém, suplicante te rogo, ó grande Senhor do mundo, que cuides de mim e dos meus, e assim como eu quando menino e quando já adulto sempre encontrei a salvação, eu a encontre também agora na velhice, para os meus haveres, no meio de tanto sofrimento.'³¹

Na boca de Jacob, a fome surge como um sinal claro dos caminhos transviados que o Homem percorre, ao eleger, como seu senhor, a fragilidade dos ídolos de madeira:

«Afflictus orbis esurit iuste, quia
Vitae datorem non colit, ritu impio
Sed muta ligna adorat, et in aris locat.»

'O mundo aflito passa fome com razão, porque não adora o dador da vida; mas, com seus ritos sacrílegos, adora objectos silenciosos de madeira e coloca-os nos altares.'³²

³¹ Cf. IV.01. 2527-2544.

³² Cf. IV.10. 3063-3065.

A punição de Deus é universal; quer o justo, quer o pecador sofrem as consequências do seu exercício:

BENIAMINUS

Ergo metuenda bella dum uindex mouet,
Nos quoque periclitamur, innocuae diu
Pietatis, et si studia semper exules
Exerceamus. Sola maiorum domus
Veri tuorum numinis nomen colit.
At nos eadem, qua impii pereunt fame,
Perimus etiam; sterilis omnino negat
Alimenta tellus. Frugibus homines carent:
Iumenta pastu: Pabulo nostri greges.»

BENJAMIM

Portanto, enquanto o vingador move guerras temíveis, nós também estamos em perigo, embora, exilados, nos esforcemos sempre por pôr em prática uma piedade inócua. Só a casa dos teus antepassados adora o nome do verdadeiro Deus. Mas nós também perecemos com a mesma fome que perecem os ímpios: também a nós a terra estéril nega totalmente os alimentos. Os homens carecem de cereais, os jumentos de pasto e os rebanhos de pastagens.³³

Num claro aceno à imagem da luta constante dos atletas, as adversidades, para os bons, são uma ocasião de perseverança, de exercício na *fortitudo*, uma das virtudes cardeais dos estóicos, justamente virtudes da vida activa. Como o sabor da água do mar que não muda, apesar da quantidade de água que jorra dos céus e dos rios que nele desaguam, assim o homem bom necessita deste exercício, sem nada temer (Séneca, *De providentia* II). A felicidade conquista-se com esforço, com ascese, à maneira do sábio estóico, que Jacob encarna³⁴. A virtude de José também contempla duas vertentes: o esforço ou ascese e a providência divina, como admite Aristóteles³⁵.

³³ Cf. IV.01. 2518-2526.

³⁴ Para Aristóteles (*Ética a Nicómaco*, 1099 b 9-10), a virtude pode adquirir-se pelo estudo, pelo hábito e pelo exercício.

³⁵ Cf. *Ibid.*, 1099 b 10-11.

Atitude idêntica perante a adversidade nos comunica Aristóteles, na *Ética a Nicómaco* (1101a 1-2). No plano geral da virtude, ela adquire-se com o exercício, como as artes (*Ibid.*, 1103a 31-32); contudo, o excesso ou a minguia de exercício destróem a *sophrosyne* («temperantia») e a *andreia* («fortitudo»), apenas o meio termo as conserva (*Ibid.*, 1104a 24-25).

As palavras de Benjamim evocam o Deus castigador do Deuterónimo (10.17-18), o «Deus supremo, poderoso e temível», que «faz justiça». Este entendimento, que prevalece no Antigo Testamento e é retomado pelo augustinismo, reaparece no Coro do canto IV. Não obstante, Jacob jamais duvidará da clemência divina.

O *Iosephus* é uma narrativa bíblica do Antigo Testamento. Por isso, no respeito pela fidelidade do tempo histórico, tem que haver a expressão do respectivo pensamento teológico, que serviu de âncora ao movimento da Reforma. Porém, a Contra Reforma, que recebeu o abnegado impulso de Jesuítas e Carmelitas, fixa o seu olhar na imitação de Jesus Cristo, que morre na cruz para salvação da humanidade – Deus misericordioso. É a lição do perdão, com amor, transmitida pela Nova Aliança e consagrada no Novo Testamento que se quer fazer vida. Filhos de Deus em Jesus Cristo, o fundamento ético da nova relação é o amor, a *caritas* fraternal. De raiz pauliniana, ganha forma o cristocentrismo, tão ao agrado dos humanistas.

Manifesta-se, deste modo, a Providência divina, cuja justiça nunca falha na recompensa à virtude e na punição do crime. As palavras de José, o eleito de Deus, são um vaticínio desta infalibilidade:

«Si taceat orbis, non tacebit conditor
Huiusce molis»

‘Se o mundo se calar, não se há-de calar o criador deste imenso orbe’³⁶.

No sonho, o feixe mais elevado de José elege-o como o preferido de Deus. Esta predilecção, contudo, não é predestinação através de influência de graça agostiniana; ela deve-se antes ao mérito, pela virtude, como se verá. Há aqui uma concepção tomista que se

³⁶ Cf. II.09.1301-1302.

sobrepõe a qualquer determinismo de raiz agostiniana. Não será demais sublinhar que José, a par do seu irmão mais novo, Benjamim, são os únicos filhos legítimos.

A mesma ideia é retomada pelo irmão mais velho, Rúben, quando os outros haviam decidido matá-lo,

«Tanto facinori testis est praesens Deus.
Et ultor idem, nunc uel olim, grandior
Cum poena surget aequa parricidio.»

‘Deus é testemunha presente a tamanho crime. E surgirá, agora ou mais tarde, um vingador maior, com um castigo igual ao parricídio.’³⁷

e pelo mesmo José quando, já Administrador do Egipto, e sem ser reconhecido, recebe os seus que ali procuravam cereais para sustento da família:

«O qui mearum semper habuisti pater
Colende rerum curam, et ingenti meos
Ambage fratres detulisti,...

... ..

... .. Quo discant tamen
Meminisse facti sceleris ultorem Deum,
Exerceantur paululum iniecto metu.»

‘Ó venerando pai, que sempre cuidaste das minhas coisas, e com grandes rodeios me trouxeste os meus irmãos... Contudo, para que eles saibam que Deus não esquece e pune o crime, é bom que eles sejam postos à prova e se lhes incuta um pouco de medo.’³⁸

Sob os desígnios do Altíssimo, os irmãos de José vão recordar o crime inumano que cometeram. No Egipto, um senhor de rosto grave e severo, (*est in Aegypto graui uultu et seuro rector*)³⁹ – assim designam José na narração que fazem ao Pai –, tratou-os severamente.

Presos sob a acusação de espões, solta-os para lhes exigir a presença de Benjamim. Como garantia, um deles irá permanecer,

³⁷ Cf. I.08.587-589.

³⁸ Cf. IV.07.2863-2865; 2878-2880.

³⁹ Cf. IV.07.2863-2865; 2878-2880.

no Egipto, como refém. As palavras fugidias que, entretanto, e a medo, trocam entre si, transmitem-nos a tomada de consciência do acto tresloucado de outrora e, simultaneamente, pesar e acolhimento benévolo da expiação presente:

DANVS

«En poena iusta punit antiquum scelus.

NEPHTALIM

Profecto iusta, nunc reuiuiscit nefas
Obliuioso conditum silentio.

... ..

... .. RVB

Iustitia poenam quam statim scelerit negat,
Longum irrogare iusta post tempus solet.»

DÁ

‘Eis a punição justa, pelo antigo crime.

NEFTALI

Agora revive o crime escondido pelo olvido do nosso silêncio.

RÚBEN

... O castigo que a justiça nega logo após o crime, costuma infligi-lo passado muito tempo.’⁴⁰

Simeão, que havia sido de todos o mais cruel, é encarcerado. Também ele perscruta no presente a pena para o crime de antanho:

RVBENVS

«Illa in Iosephum belluina immanitas
Pro se precantem, quae superbe reppulit,
Nunc armat huius hominis ignoti manum,
Et stimulat iram.»

RÚBEN

‘Aquela crueldade brutal contra José, que nos suplicava, e que com soberba o repeliu, arma agora a mão deste homem desconhecido, e estimula-lhe a ira.’⁴¹

⁴⁰ Cf. IV.9.2947-2949; IV.9.2959-2960.

⁴¹ Cf. IV.9.2950-2953.

Destas palavras podemos inferir a presença espiritual de Séneca. Com efeito, a ira cega e obstinada, fechada à razão, deitou a perder a felicidade familiar e fragilizou o espírito dos irmãos, em clara oposição aos peripatéticos (*De ira*, I).

O Arcanjo S. Miguel, no Prólogo, aponta o exemplo de Deus que, no presente, castiga os homens por causa dos seus crimes, a idolatria e a superstição. Atitude idêntica já havia assumido com os anjos revoltosos, que o Anjo da Guarda da Europa recorda aos espectadores:

«... .. MICH. Sic eant quando Deo
Laxare mundo frena labenti placet.
Humana soboles noscat ut mortem suis
Habere se sceleribus.

.....

CVSTOS ANGELVS

Qui noluerit prae sua insolentia,
Missi in cauernas Tartari, poenas luunt.»

MIGUEL

‘Que continuem, pois agrada a Deus dar rédea larga ao mundo decaído, para que a raça humana saiba que tem a morte para os seus crimes.

.....

ANJO DA GUARDA DA EUROPA

Aqueles que se recusaram (a adorá-Lo) por causa da sua insolência foram enviados para as cavernas do Tártaro, onde são castigados.’⁴²

A terminar o acto IV, o coro reitera a imagem de um Deus vingador (*ultor*), que exerce, implacável, a sua justiça,

«Terrarum in gelidis finibus, horridos
Qua nix Sauromatas obruit, improba
Aude mente nefas: mox Aquilonibus
Ortum solis adi uela ferentibus:
Heu non effugies. Serius, ocius
Vindex iustitiae poena fugacibus
Sese aequare solet passibus impii.

⁴² Cf. Prol.02.89-92 ; 106-107.

Magnis poena reum naribus olfacit.
Venatura plaga solis ab ultima,
Praedam gemmifera sentit in India.
Iacobi soboles aemula gloriae
Fraternae, puerum debilis unicum
Patris praesidium uendidit: immemor
Patrati sceleris, nunc rea proditur.
Vltorisque Dei conscia debitum
Horret supplicium.»

‘Nos confins gelados da terra, por onde a neve destrói os eriçados Sármatas, atreve-te a praticar o crime com a tua vontade malvada; depois, dirige-te ao nascer do sol, com os ventos desfraldando as velas. Ai, não escaparás!

Mais tarde ou mais cedo, o castigo vingador da justiça costuma alcançar os passos fugitivos do ímpio. O castigo fareja o réu com as suas poderosas narinas, e vai à caça desse réu desde a última praia do sol e descobre a presa na Índia, produtora de pedras preciosas. A descendência de Jacob invejosa da glória fraterna, vendeu o filho que era o único arrimo do débil pai. Esquecida do crime que praticara, agora denuncia-se como ré. E consciente de Deus vingador, sente horror ao suplício merecido.’⁴³

de um Deus que favorece o triunfo da virtude e da castidade,

«... .. Nemo Tyrannidem
Exercere uelit maior in infimum:
Infirmumque potens nemo superbiae
Fastu despiciat: nam Deus orbita
Versat res hominum. Quem uidet ingredi
Elatum, celeri turbine deicit,
Deiectumque locat saepe sub illius
Neglecti imperio, quem grauis antea
Vultu terruerat. Tu caput erige
Vitae o integritas, nescia deprimi.
Si quandoque potes ceu ratis Africo
Circumuenta premi: nubila tempora
Postquam conciderint, solis ut orbita
Surges de mediis splendida nubibus.
Fratrum lior edax uendere barbaris
Iosephum potuit: crimen adulterae
Insontem Phariis tradere uinculis:
Sed uirtus placidum cum caput extulit,

⁴³ Cf. IV.9.3128-3143.

Indignata iugum, clara per oppida
 Coepit liberior currere, flumine
 Quae Nilus luteo proluit aduena.
 Et deucta rotis omnia castitas
 Mentitam docuit saecula feminam.
 Quid flamma inuidiae dissociabilis?
 Atrox illa sui sanguinis aemula,
 Quid tandem potuit? Dum reminiscitur
 Patrati sceleris, supplicium timet.»

'Que nenhum, por ser maior, queira exercer a tirania sobre o menor; que nenhum poderoso despreze o fraco através da altivez e do orgulho. Na verdade, Deus vira ao avesso as coisas dos homens. Quem ele vê que se eleva para o alto, derruba-o com célere turbilhão e, depois de o derrubar, coloca-o muitas vezes sob o império do desprezado, a quem antes atemorizara com o rosto severo.

Tu, ó integridade da vida, levanta a cabeça, sem te deixares deprimir. Se alguma vez puderes ser oprimida, envolvida pelo vento Áfrico como uma jangada, depois de amainarem os tempos nebulosos, levantar-te-ás esplêndida do meio das nuvens, como a órbita solar. A inveja devoradora dos irmãos pôde vender José aos bárbaros; o crime da adúltera pôde atirar com ele, inocente, para os calabouços do Faraó. Mas quando a virtude indignada com o jugo levantou a sua serena cabeça, começou a correr através de ilustres cidades mais livremente do que um rio. Aquilo que o Nilo banhou com a sua corrente lodosa e todas as gerações transportaram com os seus carros, a castidade mostrou uma mulher mentirosa.'⁴⁴

a vitória do amor sobre o ódio:

«At Iosephe tuis uictor in hostibus,
 Non exempla ferox edis atrocía
 Vindictae, sed amans munera collocas.
 Vt telis odii pugnet acerbitas,
 Exarmatus amor, sed nihil afferat
 Excepto clypeo non penetrabili.
 Quo se significat nolle rependere,
 Damnus damna: pati uelle sed omnia:
 Donec lux ueniat temporis aurea,
 Qua uincendo suos erigat aemulos.»

⁴⁴ Cf. IV.chor.3143-3169.

Mas tu, José, vencedor entre os teus inimigos, não dás exemplos de vingança ferina e atroz. É no amor que colocas os teus presentes, para que a severidade lute com os dardos do ódio e o amor desarmado nada traga, excepto o escudo impenetrável. Com isso, quer mostrar que não deseja vingar danos com danos, mas prefere tudo sofrer, até chegar a áurea luz dos tempos, com a qual, vencendo, levante os seus émulos.'⁴⁵

ANTÓNIO MELO

⁴⁵ Cf. IV.3170-3179.

Separata da Revista *DIDASKALIA*
Volume XXXIII (2003) - Fascículos 1 e 2